

Cidadã de segunda classe: o direito de imigrar da mulher africana, em Buchi Emecheta

Paulo Valente¹

Buchi Emecheta demorou a chegar às mãos de leitoras e leitores do Brasil. Por aqui, as histórias da romancista nigeriana começaram a ser publicadas em língua portuguesa após quase cinquenta anos de suas edições originais em inglês, que datam da década de 1970. Neste momento, eu poderia questionar os fluxos migratórios da tradução que escondem obras de mulheres africanas, negras e fora dos cânones ocidentais de produção literária, mas me atenho ao contexto frutífero em que chegou às nossas mãos a rica produção Emecheteana: a segunda década do século XXI, quando cada vez mais a academia, as editoras e os grupos literários mostraram interesse em ler quem esteve historicamente esquecido/a da História. Rever a História (literária) a contrapelo, como diria Benjamin, é o ato de voltar os olhos ao passado e, como um anjo, bater as asas para um futuro próspero, recontar por outra ótica o nosso

passado, questionar os cânones estabelecidos e ouvir o que as vozes silenciadas e deixadas pelo caminho estiveram dizendo o tempo todo das margens sociais, políticas e, por que não, literárias.

Cidadã de segunda classe, originalmente de 1974, é o segundo romance de Buchi Emecheta², também o segundo livro seu que eu li, após ter me encantado com o sucesso editorial de *As alegrias da maternidade*³. Os dois romances guardam algumas semelhanças, como o protagonismo de mulheres negras, as violências coloniais e a imigração como pontos centrais, além do retorno à cultura *igbo*⁴, da qual Emecheta também provém. A leitura de seus textos é um convite a uma realidade em que às mulheres nigerianas é imposto um lugar de subalternidade do qual as suas protagonistas fogem, rompendo com uma predestinação imposta por uma cultura sexista.

1) Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, linha de pesquisa em Crítica Feminista e Estudos de Gênero com tese sobre as masculinidades negras e performatividades de gênero em contexto migratório nas obras de Conceição Evaristo (Brasil), Zora Neale Hurston (EUA) e Buchi Emecheta (Nigéria). Interessa-se por estudos de Raça e Gênero nas literaturas e cinemas latino-americanos e brasileiros.

2) O primeiro é *In the Ditch*, de 1972, que no Brasil recebeu o nome de *No fundo do poço* (2020). Adah é protagonista deste romance também, porém, aqui vemos a sua vida após o divórcio e a luta para educar e criar as suas crianças no subúrbio londrino. Portanto, *Cidadã de segunda classe* poderia ser classificado como um *prequel*, obra literária que narra acontecimentos anteriores na vida de personagens já conhecidos ou lidos em outras narrativas.

3) Em outubro de 2018, as/os assinantes do grupo de leitoras/es TAG Experiências literárias receberam a caixinha com o kit referente ao livro *Alegrias da Maternidade*, em sua primeira tradução ao Português brasileiro.

4) Terceira maior etnia do sudeste da Nigéria, com ramificações em outros países africanos e mesmo fora do continente. Reconhece-se como tendo sido um grupo bastante heterogêneo quanto à organização política, descentralizado e democrático, com certo destaque no cenário de transição entre o colonialismo e a Independência do país.

Desde cedo a vida da mulher *igbo*, pelo que nos narra Emecheta, é atrelada à sua performatividade de gênero, posto que há espaços muito bem delimitados que devem ser seguidos à risca, devido a uma política de gênero bem restritiva das vontades, desejos e possibilidades de existir dessas atrizes sociais, cujos corpos devem responder a um ordenamento social e espacial de modo a cumprirem uma agenda que as categoriza e impõe uma ordem quase compulsória de comportamentos para serem lidos como adequados ao feminino.

O primeiro ponto que chama a atenção do público-leitor que se delicia com a escrita literária de Emecheta é o sonho da protagonista que, não ignorando o papel de gênero imposto, que sair de seu país, rumo à Inglaterra, antiga metrópole da antiga colônia africana. O desejo de imigrar é o que move a protagonista Adah, que estuda em Lagos, capital nigeriana, e mesmo após um casamento forçado e a maternidade compulsória, reúne forças e dinheiro para primeiro mandar o marido e posteriormente conseguir sair do país rumo a Londres de seus sonhos, a fim de dar continuidade à sua educação formal.

Adah e Emecheta se aproximam, sob esse aspecto. A romancista também havia migrado alguns anos antes para o Reino Unido, atrás do marido, com as suas crianças, a fim de seguir os seus estudos universitários. Ou seja, Emecheta sabe do que fala em sua obra porque vivenciou experiências muito semelhantes às de Adah e ainda que não seja exatamente uma autobiografia, é relevante salientar esses pontos em comum. É na diáspora que, não raro, autoras africanas conseguem olhar melhor para as suas culturas de origem e confrontá-las com o país para onde caminham, e

se sentem mais livres para compartilhar as suas vivências.

No seu romance, Emecheta confronta uma sociedade nigeriana da primeira metade do século XX, patriarcal, focando questões de gênero em intersecção com o colonialismo e o imperialismo que projeta uma sociedade da qual a protagonista pretende evadir, escapar; com uma sociedade europeia racista e sexista, produtora do ideal colonial. Daí advém o título do romance. Em uma entrevista a uma emissora de televisão londrina, em 1975, quando questionada se o livro leva esse título por sua protagonista ser uma mulher ou por ser negra, Emecheta afirma:

É as duas coisas, na verdade, porque ela é uma mulher [...], e uma mulher é uma cidadã de segunda classe, e quando chega aqui ela se torna duplamente cidadã de segunda classe, porque ela também é negra⁵

Adah sonha com uma Londres em que se veja livre, possa estudar e ter alguma liberdade, a qual não alcança por ser uma mulher *igbo*, no entanto, nesse novo espaço se depara com a raça como novo elemento segregador/limitador, sem livrar-se das imposições advindas do gênero que performatiza. Ainda que um oceano e meio século pelo menos nos separem de Adah e seus dramas, a leitura do romance de Emecheta tem muito a falar a nós, que também fomos uma colônia de um país europeu, que falamos na língua do colonizador e que fomos/somos racializados. Certamente quem lê Emecheta encontra ecos de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Eliana Alves Cruz e tantas outras mulheres pretas da nossa cultura e com as quais temos aprendido muito.

5) It's both, actually, because she's a woman [...], and a woman is a second class citizen, and come here and she's become a double second citizen, because she's black as well.

Ao questionar o que é ser mulher e o que significa ser preto/a na contemporaneidade, pós-regime colonial, como o racismo e o sexismo se atualizam para continuarem a limitar as experiências desses corpos, a autora nigeriana fala também de uma realidade muito próxima a nós, brasileiras e brasileiros. De certo modo, explica a nossa cultura patriarcal e racista e como esses marcadores sociais da diferença se cruzam a fim de manter corpos racializados à margem das benesses da Modernidade.

Emecheta discute ao longo de seu potente, bem articulado, e ao mesmo tempo envolvente romance, o modo como as questões de gênero já enfrentadas por Adah, em Lagos, atualizam-se quando ela migra para Londres e ainda como o novo espaço é um convite a novos desafios. É em Londres que Adah questiona o lugar subalternizado destinado às nigerianas e aos nigerianos que migram ao país europeu, os subempregos, a política de dar os filhos e as filhas em adoção, dentre outras práticas coloniais e escravocratas que se atualizam na capital inglesa em pleno século XX. Também é no cenário europeu que ela pretende criar seus filhos e filhas, cinco ao total, e se vê compelida a fazer concessões a fim de manter-se hábil a seguir trabalhando e estudando, além de manter um casamento e cuidar das dores do racismo sofrido também pelo marido violento, Francis.

Nesse sentido, a autora nos propõe a reflexão acerca de quais corpos podem imigrar e o que acontece quando uma mulher africana chega a Londres racista e xenófoba. Ainda, um importante ponto que não pode passar despercebido: sendo a Inglaterra um país hostil à população negra e imigrante, há alguma diferença entre ser um homem africano e ser uma mulher africana?

É, pois, em Londres que o marido de Adah assume um papel violento para “discipliná-la”, demarcar uma linha subjetiva e

divisória entre as possibilidades de ação de ambos neste novo espaço. A violência surge em seu comportamento e discurso como elemento que separa os dois corpos que, mesmo migrando da mesma cultura, são distintos. O marido é mais consciente, nesse sentido, de que Londres não derrubaria aquela divisão por gênero já conhecida de sua cultura de origem, nem mesmo o acesso à educação formal de Adah o faria. Ao fim e ao cabo, Adah pode estudar, ter alguma reserva financeira, ser inteligente, mas nunca deixará de ser uma mulher negra, subjugada ao marido.

Nesse sentido, o último capítulo e, em especial, a última sequência narrativa, quando a esposa consegue impor-se, e falar contra Francis são importantíssimos e elementos que sustentam a personalidade de Adah e melhor e mais intensamente falam sobre ser uma mulher imigrante, africana, negra na terra do colonizador. Mais que isso prefiro não dizer, para incitar a curiosidade e não revelar mais que somente o texto de Emecheta deve revelar, e assim não interromper a experiência leitora de quem pretende se deliciar e refletir com o romance testemunhando a escrita ficcional dessa grande romancista que chegou tardiamente a nossas mãos, mas em momento propício para dialogar com uma “nova” literatura brasileira, também negra, urgente e que racha os cânones estabelecidos.

A nigeriana da cidade de Lagos assinou uma extensa produção com mais de 20 obras entre romances, roteiros, autobiografias, livros infantis etc. até o ano de 2010, quando sofreu um AVC que a impossibilitou de continuar escrevendo. Em 2017 faleceu, em Londres, aos 72 anos de idade. Buchi, além de escritora, foi professora universitária de Sociologia e seus escritos dão protagonismo a mulheres negras na diáspora, conta histórias semelhantes à sua e de tantas outras pessoas que migram das ex-colônias africanas saqueadas pelo duplo

Modernidade/colonização em busca de uma vida melhor e de alguma liberdade. Que a sua escrita seja também um convite a que possamos cada vez mais conhecer outras autoras africanas e não apenas as dos países de Língua Portuguesa, mas também os demais países do continente e suas culturas, a fim de que percebamos que a Literatura tem muito a nos dizer, independentemente de onde venha. Por fim, e não menos importante, #LeiaMulheresNegras!